

PANOS DE PAREDE: TRANSFORMAÇÕES NO SABER FAZER DA CULTURA POMERANA

SABLINA CLASEN DE PAULA¹
Renata Menasche²

¹ Acadêmica do Curso de Gastronomia, Universidade Federal de Pelotas –
sablinaclasen@hotmail.com

² Professora do Departamento de Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal de Pelotas –
renata.menasche@pq.cnpq.br

1. INTRODUÇÃO

Partindo de discussão proposta por autores da Antropologia do Consumo, este estudo lança o olhar sobre os usos e significados dos panos de parede pomeranos entre famílias rurais do município de Canguçu, onde, a partir de 1858, estabeleceu-se um núcleo de colonização pomerana.

Segundo Krone (2014), a presença dos pomeranos foi resultado de um empreendimento privado de colonização, realizado na segunda metade do século XIX, quando um grande contingente de imigrantes oriundos da Pomerânia chegou à Serra dos Tapes – região que compreende os municípios de Canguçu, Pelotas e São Lourenço do Sul, no extremo sul do Rio Grande do Sul.

Os panos de parede, sendo utilizados como artigos de decoração, podem ser pensados a partir do consumo, entendido, por Rocha (2004), como algo ativo e constante no cotidiano e que nele desempenha papel central como estruturador de valores que constroem identidades, regulam relações sociais, definem mapas culturais.

Para Mary Douglas e Baron Isherwood (2004), a função essencial do consumo é sua capacidade de dar sentido. Assim, os autores recomendam esquecer a ideia da irracionalidade do consumidor, bem como a ideia de que as mercadorias são boas para comer, vestir e abrigar e, ainda, sua utilidade, propondo que consideremos que as mercadorias são boas para pensar.

Como indica Gonçalves (2007), os objetos influem secretamente na vida de cada um de nós. Desse modo, reconhecer esse fato pode trazer novas perspectivas sobre os processos pelos quais definimos, estabilizamos ou questionamos nossas memórias e identidades.

Este trabalho visa analisar os usos e significados dos panos de parede (ou de copa) pomeranos, isso após 160 anos da chegada desses imigrantes ao Brasil. Tais panos eram feitos pelas mulheres e serviam como peças de decoração nas paredes das casas. Nos panos eram bordados escritos e desenhos, expressando mensagens. Eram expostos nas casas, principalmente em espaços como cozinha e sala.

Entre os imigrantes e seus descendentes, especialmente de primeira e segunda geração, os panos de parede desempenharam papel de grande importância, na manutenção e difusão de princípios e normas de conduta a serem seguidos por todos, na casa e na comunidade: fé, trabalho, poupança, sociabilidade, recato e afetividade, o que, no imaginário (segundo o conceito de VOVELLE, 1997 *apud* FAVARO, 2011) da imigração, poderia traduzir-se, no futuro, em sucesso material (FAVARO, 1998).

Os panos de parede trazem também histórias de família, sendo passados de geração em geração, com forte simbologia nos lares pomeranos.

2. METODOLOGIA

Baseado em pesquisa de campo realizada entre 2013 e 2014, em Pelotas e junto a famílias rurais pomeranas de Canguçu, e na revisão bibliográfica, que deu suporte à pesquisa, buscou-se identificar a presença desses panos e conhecer seus significados, indagando sobre as razões da dificuldade atual em encontrá-los e se teriam sido substituídos por outros objetos de decoração.

3. RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

Tradicionalmente, os panos de parede tinham lugar certo nas casas, como em cima do fogão a lenha ou no centro da parede principal da sala.

Como menciona FAVARO (2011), esses panos são peças de valor utilitário, expostas nas paredes de casas simples, geralmente atrás dos fogões a lenha – mas visíveis de todos os ângulos do aposento da casa destinado a reunir diariamente a família para as refeições. Na sua concepção mais simples, é uma espécie de mural, um estandarte, um suporte de tecido (algodão cru ou linho rústico), geralmente bordado com inscrições (invocações a Jesus, a Maria, a Deus ou algum santo da Igreja Católica, como, por exemplo, “Deus abençoe este lar”), com frases contendo mensagens (“Nada no mundo vale o meu lar”) ou expressões de sociabilidade (“Bom dia”).

Feitos pelas mulheres quando não estavam na lavoura, eram bordados à mão, especialmente com os tipos de inscrições mencionadas, sendo utilizadas linhas de diferentes cores, o que, segundo as interlocutoras da pesquisa, é característica da cultura pomerana. De acordo com relatos, os panos de parede eram ofertados como presente de casamento das avós para os noivos, sendo assim transmitidos através das gerações.

No período em que a pesquisa foi realizada, identificou-se que os poucos panos encontrados foram escritos em alemão, o que pode ser explicado pelo fato de a língua pomerana ser apenas falada, não escrita, sendo a língua alemã a mais comumente empregada na expressão escrita e, portanto, bordada nos panos.

Os panos que foram encontrados estavam guardados, sendo que alguns interlocutores não sabiam do paradeiro de muitos deles, ainda que lembressem de sua existência em suas casas, antigamente.

4. CONCLUSÕES

Pode-se supor que, devido ao desenvolvimento de outras atividades, como trabalhar fora e mesmo o serviço na lavoura, as mulheres já não fazem os panos bordados e, conseqüentemente, já não ensinam tal prática a suas filhas.

E, ainda que as que sabem trabalhar com a prática do bordado retomassem a atividade, os panos já não são confeccionados pois foram substituídos por azulejos e outros artigos de decoração, o que fez com que os panos que as famílias possuíam fossem guardados e muitas vezes esquecidos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOUGLAS, M. ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004, p.101-118

FAVARO, C. E. **Os lenços de namorados**. Tradição, cultura popular e afetividade. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2011.

GONÇALVES, J. R. S. Teorias antropológicas e objetos materiais. In: **Antropologia dos objetos**: coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro: Ed. IPHAN, 2007, p. 14-42.

KRONE, E. E. **Comida, memória e patrimônio cultural**: a construção na pomeraneidade no extremo sul do Brasil. 2014. 175f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pelotas.

ROCHA, E. Os bens como cultura: Mary Douglas e a antropologia do consumo. In: DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004, p.7-18.